

A emergência da China e a reorganização do mundo

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU – Instituto Humanitas Unisinos, 2.9.2025

As tarifas impostas pelos Estados Unidos ao Brasil não são expressão da política de Trump; são “uma chantagem para que o Brasil anistie seu correligionário de extrema-direita, Bolsonaro. Chantagem que não será bem-sucedida”, diz o economista

“A [emergência da China](#) é o fator determinante do mundo” hoje, afirma [Luiz Carlos Bresser-Pereira](#) na entrevista a seguir, concedida ao **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU por e-mail. É a partir deste fato que o economista tem analisado as transformações econômicas e políticas em curso e seus efeitos no Brasil.

Para ele, a **virada neoliberal dos Estados Unidos** para um **desenvolvimentismo conservador** está associada à “ameaça” que os americanos sentem diante do crescimento chinês. “Não há ameaça alguma, mas não é assim que os americanos veem o que está acontecendo, e se tornam por isso mais belicosos e mais imperialistas do que normalmente são. Este fato tem levado muitos a crer que haverá uma [nova guerra mundial](#), mas não vejo condições para ela”, declara.

O medo do **fantasma chinês** que assombra os **Estados Unidos** também causa consequências no **Brasil**. Segundo o economista, a “neutralidade” assumida pelo país na [disputa comercial entre China e Estados Unidos](#) é “a razão mais geral da pressão do **Império** sobre o **Brasil**”. A “razão mais específica”, contudo, assevera o entrevistado, “é a [anistia](#)”.

[Luiz Carlos Bresser-Pereira](#) é professor emérito da Fundação Getúlio Vargas, atuou como professor visitante de desenvolvimento econômico na Universidade de Paris I (1978), de teoria da democracia no Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP) (2002-2003), e de Novo-Desenvolvimentismo na École d’Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, entre outras universidades pelo mundo. Também foi ministro da Fazenda, da Administração Federal e Reforma do Estado, e da Ciência e Tecnologia no governo Fernando Henrique Cardoso. Bacharel em Direito pela USP, é mestre em Administração de Empresas pela Michigan State University, doutor e livre docente em Economia pela USP.

É autor de, entre outros, *The Rise and Fall of Neoliberal Rentier Capitalism: The Political Economy of the 20th and 21st Centuries* (Oxford University Press, 2025), *Projeto Nacional contra a quase estagnação: juros e câmbio, para o investimento privado, e aumento do investimento público* (Contracorrente, 2025), *Em busca do desenvolvimento perdido: um projeto novo-desenvolvimentista para o Brasil* (FGV, 2018), *A construção política do Brasil: sociedade, economia e Estado desde a Independência* (Editora 34, 2016), *Desenvolvimento e crise no Brasil* (Editora 34, 2003), *Construindo o Estado Republicano* (FGV, 2009) e *Globalização e competição* (Elsevier-Campus, 2009).

Confira a entrevista.

IHU – Qual é o aspecto político-econômico mais importante a ser considerado no cenário global e na reorganização do mundo hoje?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – A [emergência da China](#) é o fator determinante do mundo. Hoje, temos três grandes potências mundiais: os **Estados Unidos**, a **China** e a **Rússia** e uma potência econômica, a **União Europeia**, mas a única delas que se mostra dinâmica, crescendo mais do que as outras três, é a **China**. Diante disso, os **Estados Unidos** não se conformam, com a diferença em relação à superação do **Reino Unido**, que esta foi rápida enquanto a atual deverá ser demorada.

A virada dos **Estados Unidos do neoliberalismo** para o **desenvolvimentismo conservador**, que eu analisei em meu livro *The Rise and Fall of Neoliberal Rentier Capitalism*, se deveu principalmente à “ameaça” que esse país sente diante do crescimento chinês. Não há ameaça alguma, mas não é assim que os americanos veem o que está acontecendo, e se tornam por isso mais belicosos e mais imperialistas do que normalmente são. Este fato tem levado muitos a crer que haverá uma [nova guerra mundial](#), mas não vejo condições para ela. Na **Segunda Guerra Mundial**, ainda havia condições para a **Alemanha** conquistar territórios; agora os **Estados Unidos** não poderão fazê-lo. E uma guerra entre **China** e **EUA** só trará prejuízos para os dois países.

Na Segunda Guerra Mundial ainda havia condições para a Alemanha conquistar territórios; agora os Estados Unidos não poderão fazê-lo – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU – Na semana passada, a [imagem do presidente Trump com os líderes europeus em torno da mesa](#), em Washington, foi interpretada de vários modos: uns leram a imagem como a força do protagonismo dos **EUA** no mundo, outros, como a subordinação da **Europa** aos **EUA**. Há quem veja **Trump** como o presidente da paz e outros como o presidente da força por causa das sanções impostas a outros países. O que essa imagem representa e significa à luz do atual momento global?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – O protagonismo dos **Estados Unidos** no mundo não é novidade, nem a lamentável [subordinação da Europa](#). A virada desenvolvimentista americana ocorreu entre 2017 e 2024 como resposta à sua relativa perda de hegemonia; o liberalismo econômico é definitivamente inferior ao desenvolvimentismo como estratégia de desenvolvimento. A **transição da Europa**, dirigida em **Bruxelas** por tecnocratas alienados, só agora está ocorrendo. Enquanto os **Estados Unidos** pregavam o neoliberalismo, mas nunca foram inteiramente fiéis a ele, a **Europa** ficou para trás.

Sobre a ideia de que [Trump seja o presidente da paz](#): a verdade é que os presidentes anteriores, desde **George G. Bush**, não pararam de fazer pequenas guerras no **Oriente Médio** e no **Norte da África**, enquanto **Trump** ainda não fez nenhuma.

Enquanto os Estados Unidos pregavam o neoliberalismo mas nunca foram inteiramente fiéis a ele, a Europa ficou para trás – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU – O senhor disse que “o Brasil continua dominado pelo liberalismo econômico” enquanto os **Estados Unidos** já abandonaram essa ideologia e a **Europa** caminha na mesma direção. Pode desenvolver esta ideia? Como ocorreu esse processo nos **EUA** e qual ideologia foi adotada no lugar do liberalismo?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – No plano econômico, a ideologia alternativa ao liberalismo econômico é o [desenvolvimentismo](#). Como a **União Europeia**, também o **Brasil** é dominado pelos **Estados Unidos**. E nós também temos sido mais realistas do que o rei. É verdade que no atual governo **Lula** este tem sido mais desenvolvimentista e nacionalista, mas os obstáculos que enfrenta são grandes devido ao atraso de nossas **elites econômicas e políticas**.

IHU – Alguma ideologia nova está sendo gestada no governo Trump ou ele é fruto das mudanças ocorridas no país nas últimas décadas?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – No plano econômico, o **desenvolvimentismo de Trump** não tem nada de original; também não o tem no plano político porque o [populismo de extrema-direita](#) que vem adotando é recente, mas não foi inventado por Trump.

O fato é que os europeus se sentem ameaçados pela Rússia e, seguindo as ordens dos Estados Unidos – do Império – armam-se ao invés de adotar uma política desenvolvimentista voltada para o desenvolvimento tecnológico – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU – Quais os sinais de que a Europa caminha na mesma direção de abandonar o liberalismo? O que está sendo gestado nos diferentes países europeus no momento?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Não sei o que está sendo gestado nos países europeus. O fato é que eles se sentem ameaçados pela **Rússia** e, seguindo as ordens dos **Estados Unidos – do Império** –, armam-se ao invés de adotar uma política desenvolvimentista voltada ao desenvolvimento tecnológico.

IHU – O senhor já declarou que caracteriza a política do governo Trump como intervencionista. O que está por trás dessa política e como ela ressoa no Brasil?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Certamente é intervencionista. Eu, porém, não sou liberal e não uso essa palavra, que é pejorativa. Uso desenvolvimentista. No caso de **Trump**, desenvolvimentista de extrema-direita, antidemocrático.

[O tarifaço], no nível em que foi estabelecido, não passa de uma chantagem para que o Brasil anistie seu correligionário de extrema-direita, Bolsonaro. Chantagem que não será bem-sucedida – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU – Qual é a melhor chave de leitura para interpretar o [tarifaço dos EUA ao Brasil](#)? Ele tem relação com a extrema-direita, com as aproximações comerciais entre Brasil e China ou são parte do modo de atuação do governo Trump?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Uma tarifa menor seria apenas a expressão da política de **Trump**, que usa tarifas para desvalorizar indiretamente o dólar e diminuir o déficit em conta corrente. No nível em que foi estabelecido, não passa de uma [chantagem para que o Brasil anistie seu correligionário de extrema-direita, Bolsonaro](#). Chantagem que não será bem-sucedida.

IHU – O que explica e significa a postura mais nacionalista e protecionista adotada em várias partes do mundo? Quais tendem a ser os efeitos político-econômicos disso a longo prazo?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – A **Ásia** a leste do **Paquistão** nunca deixou de ser desenvolvimentista e, portanto, protetora de sua indústria, enquanto o restante do mundo submeteu-se ao **Império americano**, que contou com o apoio da **Europa** rica e do **Japão**, e adotou o **liberalismo econômico**. O resultado foi o mundo em desenvolvimento independente; o desenvolvimentismo, cresceu nos últimos 40 anos a uma taxa três vezes maior do que os países dependentes!

O Brasil está sendo neutro na disputa entre Estados Unidos e China, algo que o primeiro país não admite. Esta é a razão mais geral da pressão do Império sobre o Brasil. A razão específica é a anistia – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU – Como o Brasil se insere na disputa envolvendo [China e EUA](#)? Quais são o significado e os efeitos do investimento chinês em montadoras, plataformas de delivery, HUB de energia renovável, parques industriais de ecossistema verde no Brasil para a economia brasileira e o país como um todo a longo prazo?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – O Brasil está sendo neutro na disputa entre Estados Unidos e China, algo que o primeiro país não admite. Esta é a razão mais geral da pressão do Império sobre o Brasil. A razão específica é a anistia. Os investimentos da China no Brasil não têm caráter político. São expressão dos superávits em conta-corrente da China e o excesso de moeda conversível que suas empresas precisam investir no exterior.

IHU – Qual tem sido o papel da China na América Latina? A região, antes dependente dos Estados Unidos, hoje torna-se mais dependente da China? É possível romper com a dependência?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Não há [dependência da América Latina em relação à China](#). Relações comerciais elevadas não significam dependência.

Não há dependência da América Latina em relação à China. Relações comerciais elevadas não significam dependência – Luiz Carlos Bresser-Pereira

IHU – O senhor declarou recentemente que a abertura comercial e financeira do Brasil “foi um desastre”. Hoje, quais são as consequências dessa abertura e como elas impedem o país de avançar política, econômica e socialmente?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – A abertura comercial em 1990 foi um desastre porque nós, brasileiros, não percebemos que as altas tarifas não eram meramente protecionistas; elas legitimamente neutralizavam a [doença holandesa](#). Em consequência, houve uma enorme **desindustrialização do Brasil**, que permanece quase estagnado desde então. A abertura financeira, a liberdade de entradas e saídas de capitais no Brasil, foi também um desastre porque privou o país de ter uma **política cambial**, que foi essencial durante o período de **grande desenvolvimento do Brasil** (1950-1980).

IHU – O senhor e outros intelectuais brasileiros sempre chamaram atenção para a necessidade de um projeto nacional. Como pensa um projeto de país para o Brasil na atualidade? Que demandas da sociedade brasileira do século XXI este projeto deveria contemplar? Trata-se de um modelo diferente ou parecido com o que se pensava nos anos 1990?

Luiz Carlos Bresser-Pereira – Eu publiquei neste ano o livro *Projeto nacional contra a quase-estagnação* (Contracorrente, 2025) que trata exatamente desse tema. Há certas políticas que são óbvias como a necessidade de investir na educação, de investir na infraestrutura, de adotar instituições que garantam a propriedade e os contratos e de manter o mercado competitivo razoavelmente livre, capaz de alocar de maneira mais eficiente os recursos disponíveis. Eu me concentrei nas políticas novas propostas pelo [Novo Desenvolvimentismo](#) (o nome da teoria que venho desenvolvendo há mais de vinte anos), especificamente uma política cambial que mantenha a taxa de câmbio competitiva apesar dos **déficits em conta-corrente** e a [doença holandesa](#), a crítica à política de tentar crescer com déficits em conta-corrente e endividamento externo, além da política do **Desenvolvimentismo Clássico** e procurar aumentar a poupança pública e o investimento público.